Foto: Divulgação CET-Rio

Se essa rua, se essa rua fosse minha. Eu mandava, eu mandava… tapetar. Não podendo ladrilhar com pedrinhas de brilhante, em cidades portuguesas e brasileiras, o costume é ornamentá-las em Corpus Christi com tapetes coloridos, feitos com produtos agrícolas, para o maior dos Amores passar.

Essa festa móvel celebra a presença de Cristo na Eucaristia, publicamente. A hóstia consagrada deixa a tranquilidade de sacrários, abandona a imobilidade das igrejas. Exposta num ostensório, abrigada por um pálio, caminha, sobre efêmeros tapetes coloridos, arte anônima destinada a durar um dia.

Graças à agricultura, as ruas por onde passa a procissão são forradas com tapetes de cores vivas e desenhos de inspiração religiosa. Eles são feitos com flores e pétalas, cascas e grãos de café, bagaço moído de cana, palha e grãos de arroz, quirela, farinhas, pó de café, serragem, mechas de algodão…

A celebração em Curitiba é a maior do Brasil em participantes e extensão dos tapetes. Em cidades de Minas Gerais e Espírito Santo; de Fortaleza a Aracajú; em Matão, Ibitinga, Santana, Pirapora e outras, os tapetes mágicos estarão prontos para voar e elevar quem os percorre.

A solenidade de Corpus Christi remonta ao século XIII. Nasceu em 1247 na Bélgica, inspirada em visões da freira agostiniana Juliana de Mont Cornillon, para realçar a presença real de Cristo no pão consagrado. Terminou instituída pelo Papa Urbano IV, na Bula Transiturus em 1264.

E propagou-se de Budapeste a Toledo, de Braga a Guaranésia, da Alemanha a Timor Leste. Também é comemorada em igrejas anglicanas, luteranas e metodistas, de forma diferente da católica. E dá nome à renomada faculdade (Corpus Christi College) na Universidade de Oxford.

A Eucaristia foi instituída por Jesus na Quinta-Feira Santa. Daí celebrar-se Corpus Christi na quinta-feira, após Pentecostes. São oito séculos de tradição cristã. Neste Ano da Graça de 2025, a festa ocorre na véspera do solstício de inverno, 20 de junho, o dia mais curto do ano.

O período mágico das festas juninas está centrado no solstício de inverno. Nele, o campo invade a cidade. O rural é celebrado pelo urbano em festanças e arraiais ao lado de igrejas e escolas. O solstício está associado ao fim do ano agrícola, às colheitas, ao desfrute do árduo trabalho no campo.

Após o solstício, a duração dos dias aumenta. Essa vitória simbólica da luz, de Cristo como verdadeiro sol invicto – tão comemorada em Corpus Christi, festas e fogueiras juninas – convida todos a enfrentar o inverno e o inferno. Seja climático, político, social ou pessoal. Como dizia Winston Churchill: If you’re going through hell, keep going. (Se estiver atravessando o inferno, continue andando.)

Evaristo de Miranda é doutor em Ecologia, escritor e membro da Academia de Agricultura da SNA.
https://evaristodemiranda.com.br/

Artigo publicado originalmente no jornal Correio Popular, Campinas 19/6/2025, e gentilmente cedido pelo autor a SNA.

Facebook Twitter LinkedIn WhatsApp

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Artigos

Artigos

Conflito entre Irã e Israel pode ameaçar o agronegócio brasileiro, já que 20% da ureia vem do Irã. Por Evaristo de Miranda

Destaques da mídia

Brasil e Organização Internacional do Café (OIC)

Sociedade Nacional de Agricultura Faculdade SNA Digital
Av. General Justo 171 – 3º e 7º andares
Centro – Rio de Janeiro (RJ)
CEP: 20021-130
+55 (21) 3231-6350

Campus Educacional e Ambiental SNA
Avenida Brasil 9727
Penha – Rio de Janeiro (RJ)
CEP: 21012-351
+55 (21) 3977-9979

Envie-nos uma mensagem

INSTITUCIONAL

Sobre a SNA

Diretoria da SNA

Academia Nacional de Agricultura

EDUCAÇÃO

SNA Digital – EAD

Campus Educacional

PUBLICAÇÕES DA SNA

A Lavoura

Animal Business

CI Orgânicos

Boletim SNA

CONTEÚDO

Destaques da SNA

Política de Privacidade.

© Copyright Sociedade Nacional de Agricultura 2023. Todos os direitos reservados.